

O Atéismo Metodológico: Teologia e hermenêutica existencial

*Elton Vinicius Sadao Tada*¹

“E lá vai deus sem sequer saber de nós
Saibamos pois
Estamos sós.”
(Passeando – Marcelo Camelo)

RESUMO

O presente trabalho busca apontar o ateísmo metodológico como intersecção entre existencialismo, hermenêutica e religião. Para tanto, são apresentadas noções do existencialismo e de sua relação com os estudos teológicos e de religião bem como as particularidades da hermenêutica existencialista. O artigo analisa noções de Jean-Paul Sartre, Paul Tillich, Martin Heidegger e John Caputo sobre o existencialismo, a hermenêutica e a religião, sendo elas problematizadas no fim do estudo a partir das reflexões do filósofo brasileiro Benedito Nunes. Tendo como base as referências estudadas faz-se por fim o questionamento sobre os posicionamentos a serem adotados atualmente acerca da relação entre existencialismo, hermenêutica e religião.

PALAVRAS-CHAVE

Existencialismo. Hermenêutica. Teologia. Estudos de Religião. Fenomenologia.

¹ Bacharel em Teologia, Mestre em Ciências da Religião (UMESP), doutorando em Ciências da Religião (UMESP).

ABSTRACT

This paper aims to point out methodological atheism as an intersection between existentialism, hermeneutics and religion. In order to do that, it presents concepts of existentialism and its relationship both with theological studies and religion and existentialist hermeneutics. The paper analyses Jean-Paul Sartre, Paul Tillich, Martin Heidegger and John Caputo concepts of existentialism, hermeneutics and religion. It also problematizes them from the point of view of the Brazilian philosopher Benedito Nunes. Finally, basing on the presented references, it challenged positions assumed related to existentialism, hermeneutics and religion.

KEYWORDS

Existentialism. Hermeneutics. Theology. Religious Studies. Phenomenology.

Introdução

A confusão entre um termo e um conceito é um problema relevante nos estudos de humanidades. O antídoto correto para que tal mal seja afastado e para que as coisas sejam feitas com a devida correção é a perícia, princípio químico necessário para qualquer pensamento humano que deseja ser bem elaborado. No entanto, a perícia encontra-se em baixo estoque nos mais diversos ambientes de discussão contemporâneos, chegando mesmo a faltar e deixar opiniões, ensaios, sistemas e formulações com deficiências crônicas.

A corrida mercadológica de nossos dias, combinada à conveniência de um processo educativo que busca no máximo a razoabilidade tem gerado uma série de indivíduos que confundem existencialismo com ateísmo, que consideram hermenêutica uma posse exclusiva da filosofia e que entendem religião nos mesmos termos que se entendia no velho continente em meados do século XVIII. Quem assim age e interage com o horizonte do pensamento filosófico não apenas erra em sua interpretação como também impede que os novos e fortuitos passos da filosofia contemporânea sejam dados.

A América Latina em geral e o Brasil em particular devem superar tanto o ranço iluminista que pretende esclarecer todas as coisas da física e da metafísica rumo a um infinito qualquer, quanto aceitar que as vastas barbas e os belos “Che Gevaras” são contingências e não princípios para o pensamento filosófico contemporâneo. Tendo em vista o dificultoso nicho de pensamento no qual se insere a presente reflexão, espera-se refletir sobre a compreensão que se pode ter hoje sobre as relações entre existencialismo, hermenêutica e religião.

Existencialismos

Jean-Paul Sartre (1905-1980), ao proferir seu discurso chamado de “O existencialismo é um humanismo”, tenta rechaçar quatro ideias que considera equivocadas sobre o existencialismo. A primeira seria de que o existencialismo prega um estado de quietismo e desespero. A segunda seria a recorrência da exposição dos âmbitos mais sórdidos do ser humano. A terceira seria a crítica contra a solidariedade humanista. Em quarto lugar está negação de Deus e da eternidade². Tais questões são ainda hoje o norte para uma discussão válida sobre a estrutura e função do existencialismo. O presente texto se guiará pelas mesmas, dialogando com a possibilidade hermenêutica em tal contexto.

O existencialismo dito hoje não deve ser considerado idêntico àquilo que foi entendido nas primeiras décadas do século passado. Foram inúmeras as mudanças e desdobramentos que ocorreram nessa linha de pensamento para que se configurasse da forma que hoje é possível conhecê-la.

As leituras contemporâneas sobre o existencialismo tendem a andar pelas vias já iluminadas da história recente da filosofia. Para que possamos entender que tais caminhos não são únicos, devemos iluminar novos trajetos. A maneira aqui escolhida para dialogar com esse caminho alternativo de compreensão do existencialismo é a partir do pensamento do filósofo e teólogo alemão Paul Tillich (1886-1965). Tillich se mostra como um bom ponto para diálogo pela proximidade que teve com Martin Heidegger e as origens do existencialismo. Repetidamente, o teólogo

² SARTRE, J. P. **Existencialism is a Humanism**. Yale: Yale University Press, 2007, p. 17.

alemão faz referência em sua obra ao pensamento de Nietzsche, Schelling, Kierkegaard, entre outros pensadores utilizados pelos existencialistas do século passado.

Tillich experienciou o existencialismo em suas origens. Ele esteve próximo de Heidegger, que foi o grande teórico do existencialismo, principalmente com sua obra “O ser e o tempo”³. É muito importante notar que Tillich não se deteve a estudar a filosofia existencialista de Heidegger. Essa lhe foi muito preponderante no que tange a questão do método. Porém, antes disso, Tillich já encontrava em diversos autores expressões existenciais. Principalmente na modernidade, fica claro para Tillich a importância da expressão filosófica de forma existencial.

Como filósofo, Tillich procurou fazer uma análise do pensamento filosófico em suas diversas representações e em suas múltiplas faces. Em seus estudos muito se preocupou em analisar a história da filosofia em diversas etapas, não se detendo a apenas uma linha de pensamento ou a um momento histórico. O teólogo afirma que existem movimentos preparatórios que acabaram por desencadear o que ficou claro no século XX como sendo o “existencialismo”. Aqui se encontra algo fundamental a ser entendido no tipo de leitura do existencialismo que está sendo aqui proposta. Segundo Tillich, o existencialismo “não é simplesmente individualismo do tipo nacionalístico, romântico ou naturalístico. Diferentemente destes três movimentos preparatórios, ele sofreu o colapso universal da significação”⁴. A partir dessa afirmação pode-se iniciar uma formulação mais clara da distinção entre filosofia existencialista e expressão existencial.

Tillich distingue o que é o “existencialismo” enquanto escola filosófica de suas raízes de reflexão existencial (não que essas raízes sejam

³ Pode-se afirmar que Tillich teve um contato muito maior com os pensadores sociais da Escola de Frankfurt do que com o existencialismo heideggeriano. No entanto, não há dúvidas que a obra de Heidegger foi fundamental para Tillich: “Apesar do pouco tempo que passou em Marburg, considerou importante sua estadia ali pelo contato com Heidegger. O existencialismo desse filósofo lhe causou grande impacto, principalmente no que se refere à metodologia” (CALVANI, Carlos E. “Aspectos biográficos, referenciais teóricos e desafios teológicos”. In: **Estudos de Religião**. Ano X, nº. 10, julho de 1995, p. 17).

⁴ TILLICH, Paul. **A coragem de ser**: baseado nas conferências Terry pronunciadas na Yale University. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972, p. 109.

claras e diretas. São, antes de tudo, apontamentos que instigaram uma filosofia da existência). Esta distinção é essencial para que se compreenda que ele mesmo teve a intenção de fazê-la, opondo-se a possíveis interpretações que entendem que essa é uma distinção feita a partir de sua obra, e não nela mesma:

A maneira distinta de filosofar que hoje em dia se denomina de ‘existencialismo’ ou ‘filosofia existencial’ emergiu como uma das maiores correntes do pensamento alemão sob a república de Weimar, tendo como seus líderes homens como Heidegger e Jaspers. Mas sua história pode retroceder um século, para a década de 1840, quando seus principais conceitos foram formulados por pensadores como Schelling, Kierkegaard, e Marx, na forma de criticismo ao reinado do racionalismo ou panlogismo dos hegelianos; e na geração seguinte Nietzsche e Dilthey estavam entre os protagonistas⁵.

Pensadores como Schelling, Kierkegaard, Marx, Nietzsche e Dilthey são os protagonistas da formulação do pensamento que acabou por desencadear na filosofia existencial do século XX. Tillich ressalta que não apenas esses filósofos que protagonizaram a formulação do pensamento existencial são importantes para a reflexão hodierna sobre a situação humana. Desde tempos longínquos o ser humano se preocupou em analisar sua própria situação. Todavia, essas análises mais antigas não possuíam uma preocupação com uma metodologia existencial:

A análise da situação humana é feita em termos que hoje chamamos de existenciais. Essas análises são bem mais antigas que o existencialismo. Na verdade, são tão antigas quanto a reflexão do ser humano sobre si mesmo e foram expressas em várias formas de conceitualização desde o começo da filosofia⁶.

A análise da situação humana é, portanto, o princípio para que se faça uma filosofia existencial. A filosofia da existência tem que ter necessariamente sua base em tal processo. Essa análise no caso específico de

⁵ TILLICH, P. Existencialism. In: **Journal of the History of Ideas**, vol. 5, nº.1 (Jan., 1944), p. 44. The Johns Hopkins University Press.

⁶ TILLICH, P. **Teologia Sistemática**. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 76.

Tillich supera o quadro da “filosofia existencial enquanto caminho” para se aproximar do ser humano em sua complexidade, desde sua pessoalidade até o seu cosmos:

Tillich chega aqui a superar o quadro conceitual de filosofia existencialista para falar, como a atual teologia da libertação, de ‘estruturas de pecado’ e de uma separação ou alienação nos três níveis pessoal, social e cósmico⁷.

Quando Tillich compreende essa abrangência do pensamento existencial, faz sua análise da diferença entre expressão existencial e a filosofia existencial em si:

A influência de Kierkegaard e Heidegger o motivou a refletir profundamente sobre a existência, enfatizando principalmente a alienação da existência em relação à essência e a vida como experiência caracterizada pela ambiguidade. É a partir daí que constrói sua antropologia teológica, identificando sua alienação, culpa e desespero humanos, aquilo que a teologia conceitualiza com o termo pecado⁸.

Quanto à expressão existencial, Tillich afirma que ela é uma questão de envolvimento com a reflexão humana. Na história da filosofia nota-se que diversas vezes autores se empenharam em analisar o problema humano sem se envolver com o mesmo, posicionando como filósofo e não como ser humano existente que é. Isso faz com que a existência seja analisada como um “objeto”, sendo o mesmo feito pelo “sujeito”, o filósofo.

Esse posicionamento pode ser muito bem exemplificado na figura de Descartes, filósofo que além de separar conceitualmente sujeito e objeto de forma clara, desenvolveu sua teoria da existência e do conhecimento a partir de verdades teórico-matemáticas, distanciando-se assim do “objeto existência”. Tillich afirma que “a atitude existencial é

⁷ HIGUET, Etienne Alfred. “O método da *Teologia Sistemática* de Paul Tillich – A relação da Razão e da Revelação”. In: **Estudos de Religião**. Ano X, nº. 10, julho de 1995, p. 42.

⁸ CALVANI, Carlos E. “Aspectos biográficos, referenciais teóricos e desafios teológicos”, p. 25.

de envolvimento, em contraste com uma atitude meramente teórica ou desapegada”⁹.

A existência, segundo Tillich, deve ser entendida a partir da própria existência. Quem assim age pode demonstrar suas “expressões existenciais”. Por isso, mesmo antes de se produzir uma filosofia da existência enquanto método, pode-se notar em diversos filósofos expressões existenciais. O não envolver-se existencialmente na produção de uma teoria ontológica aponta para um “ser ontológico” não existente na realidade, mas apenas na teoria. Citando uma vez mais Descartes, percebe-se que em suas meditações existe uma grande dificuldade para que se ultrapasse o solipsismo do *cogito*. Eis a consequência do distanciamento teórico do filósofo: “um eu, que se tornou matéria de cálculo e manobra, deixou de ser um eu. Tornou-se uma coisa. Você deve participar de um eu a fim de conhecer o que ele é”¹⁰.

Já no polo oposto, o envolvimento extremo com a preocupação sobre a existência é um processo no qual se encontra um resultado oposto ao acima citado nos casos extremamente racionalistas. Como fruto desse envolver-se e do entender a existência em si próprio chega-se ao reconhecimento da significação da existência em si, e não apenas de um argumento sobre a mesma. Para Tillich “o conhecimento existencial é baseado num encontro no qual uma nova significação é criada e reconhecida”¹¹.

Dito isto, que seja entendido agora o que é o existencialismo em si. Sabemos que há um existencialismo. Todavia existem também expressões existenciais que estão para além do existencialismo, sendo reveladas antes mesmo do princípio de tal movimento. Tais expressões, como acima indicado, são uma questão de posicionamento do filósofo com relação à existência. Quando a análise da existência é feita a partir de alguém que encontra em si próprio o problema da existência pode-se dizer, grosso modo, que ele age com expressões existenciais.

⁹ TILLICH, Paul. **A coragem de ser**, p. 97.

¹⁰ Descartes mesmo utiliza-se do termo “coisa” quando elabora em suas “Meditações” a ontologia e afirma a existência humana. Ele se pergunta: “mas, que sou, então?” e responde: “Res cogitans”, ou seja, coisa pensante. Desse ponto até chegar na proposição que essa “coisa pensante” seja o homem é um grande caminho percorrido pelo filósofo. Cf. TILLICH, Paul. **A coragem de ser**, p. 98.

¹¹ TILLICH, Paul. **A coragem de ser**, p. 98.

Portanto, o que é existencialismo? Para Tillich:

O outro significado de ‘existencial’ designa um conteúdo, e não uma atitude. Assinala uma forma especial de filosofia: o existencialismo. Temos que tratar dele porque é a expressão da forma mais radical da coragem de ser como si próprio¹².

O existencialismo é, portanto, outra questão. Não se trata mais apenas de comportamento ou posicionamento, mas também de um conteúdo, um sistema. Dentro desse conteúdo encontram-se as mais fortes expressões da importância de analisar a existência a partir dela própria, e não através de alguma predisposição ontológica, seja de qual ordem for.

Nesse momento podemos notar a ligação entre expressões existenciais e existencialismo, já que ambas foram definidas:

Existencialismo, tal como apareceu no século XX, representa o significado mais vívido e ameaçador de existencial. Nele todo o desenvolvimento chega a um ponto além do qual não pode ir. Tornou-se uma realidade em todos os países do mundo ocidental. Está expresso em todos os domínios da criatividade espiritual do homem, penetrou em todas as classes educadas. Não é a invenção de um filósofo boêmio ou de um romancista neurótico; não é um exagero sensacional fabricado por causa do proveito e da fama; não é um jogo mórbido com as negatividades¹³.

Há, portanto, no pensador de conteúdos existenciais, uma expressão de sua existência que excede todas as demais, chegando-se assim ao máximo de significação e posicionamento da existência. Além disso, tomando como base agora a história da filosofia pode-se também fazer uma relação entre expressões existenciais e existencialismo. Kierkegaard, por exemplo, foi um filósofo que expressou suas preocupações existenciais de maneira forte. Não apenas foi contra muito do que se era feito na filosofia de sua época como apontou para uma direção que só pode ser observada hoje, e que ainda há de ser revista e re-analisada inúmeras

¹² TILLICH, Paul. **A coragem de ser**, p. 98.

¹³ TILLICH, Paul. **A coragem de ser**, p. 108-109.

vezes: “o sistema de Hegel é a expressão clássica do essencialismo. Quando Kierkegaard rompeu com o sistema das essências de Hegel fez duas coisas: proclamou uma atitude existencial e instigou uma filosofia da existência”¹⁴.

Em sua tentativa de propor uma hermenêutica radical, John Caputo explica algo importante de ser entendido na presente discussão. Inicialmente ele se pergunta sobre “qual” ou “como” deve ser entendida a hermenêutica posterior ao lançamento do famigerado livro “Ser e Tempo”, de Martin Heidegger. São três as opções expostas pelo autor sobre como tal leitura pode ser feita. A primeira seria a própria reinterpretação de Heidegger sobre seu trabalho, que culmina nas questões linguísticas resumidas no livro “O caminho da linguagem”. Em segundo lugar existe a chamada hermenêutica filosófica, de Gadamer, que representa grande parte da hermenêutica usada atualmente. Por outro lado, Jacques Derrida faz uma leitura mais radical de Heidegger, utilizando um processo hermenêutico de constante desconstrução.

O existencialismo é devedor das categorias primeiramente postas pelo engenho da fenomenologia. Heidegger leu escritos de Edmund Husserl sobre fenomenologia ainda muito jovem, aos 19 anos, e os mesmos parecem ter sido essenciais para o êxito do pensamento heideggeriano. Entretanto, a fenomenologia heideggeriana não é exatamente aquela proposta por Husserl. Husserl chega às suas propostas filosóficas de fenomenologia a partir de suas questões matemáticas, ou seja, responde em termos filosóficos algo que tinha sido questionado nos signos linguísticos da lógica.

É interessante notar que pelo fato de Heidegger ser um grande conhecedor da história da filosofia e de sua constante preocupação com a revisão da filosofia grega, ele tende a ter um tom mais voltado à religião do que outros fenomenólogos, como o próprio Husserl. Não se pode considerar incomum o fato de que leitores desavisados de Heidegger possam acabar caindo em processo de autoquestionamento existencial, pois experimentam em termos filosóficos a busca pela aproximação de resolução das grandes questões religiosas. Em seu livro “Introdução à fenomenologia”, o qual não possui de fato caráter introdutório,

¹⁴ TILLICH, Paul. **A coragem de ser**, p. 99.

Sokolowski afirma que “mesmo nos próprios escritos de Heidegger, o propósito analítico se sente como uma exortação moral e religiosa. Há algo de profético sobre ele”¹⁵. Tal afirmação ainda é exemplificada com o vasto e profícuo engenho elaborado pelo teólogo protestante Rudolf Bultman, que apresentou leituras heideggerianas, ou seja, hermenêuticas fenomenológicas existenciais sobre os textos do Novo Testamento da Bíblia cristã:

Ninguém tentou interpretar o novo testamento a partir de categorias husserlianas, mas Rudolf Bultman tentou fazê-lo a partir das categorias de Heidegger, e pode-se dizer que outros tentaram fazer algo similar no âmbito da crença católica¹⁶.

O problema da relação entre hermenêutica e religião não se dá primeiramente pelo posicionamento religioso do pensador que propõe tal relação, mas sim pela abrangência da problemática existencial proposta em tal hermenêutica.

Para que se feche o ciclo da discussão aqui proposta deve-se recorrer à perícia de um filósofo brasileiro, Benedito Nunes. A utilização e reflexão sobre o filósofo nada tem a ver com patriotismo, mas sim com relevância teórica, atualidade e perspicácia intelectual. O existencialismo é ainda uma forma de fazer filosofia, e como tal respeita os traços epistêmicos gerais de uma forma de pensar. A filosofia, desde seus mais remotos princípios registrados se dá ao som de uma mesma música, que gera paixão ou repulsa, entretanto, cada filósofo e cada corrente filosófica respondem a tal sonoridade de maneira única, dançando conforme sua racionalidade julga ser a maneira mais correta. Não há quem faça filosofia julgando ser essa uma atitude incorreta, e apenas tolos do mais alto grau pensam não tentar responder os epílogos e posfácios da vida humana em seu trabalho.

Na dança da filosofia, por vezes, encontra-se parceiros na Teologia, pois essa outra forma de conhecimento ouve a mesma música, porém desde locais diferentes. Nunes aponta que:

¹⁵ SOKOLOWSKI, R. **Introduction to Phenomenology**. Cambridge: Cambridge Press, 2000, p. 215.

¹⁶ SOKOLOWSKI, R. **Introduction to Phenomenology**, p. 216.

O cristianismo trouxe, porém, um saber de Revelação, a palavra de Deus revelada aos homens, superior ao humano conhecimento; dela resultou a Teologia, que junte a Filosofia a seu serviço. Juntas, essas duas imagens, a do pendor nato da Filosofia para o conhecimento racional nos limites da Natureza e a do seu desvencilhamento da Teologia na modernidade, compõem, sob a aparência da aceitável síntese histórica um quadro simplificador das relações tensas e complexas entre esses domínios do saber. Como sugere o título desta conversa, é inerente à Filosofia um aspecto teológico, ou, se quiserem, um lugar teológico, ainda que nem sempre preenchido, e sem que esse nexos implique subordinação à Teologia como ciência do sagrado¹⁷.

O lugar teológico de toda filosofia por vezes deixa de ser preenchido por simples atitude de arrogância. Por outras tantas vezes o problema central é o medo. Medo de que haja uma intervenção direta do sistema teológico sobre o sistema filosófico. Obviamente, tanto arrogância quanto medo geram lacunas difíceis de serem reparadas, sendo que o sistema mais prejudicado é sempre aquele mesmo que negou reconhecer seu par no sistema alheio.

Por esse tipo de transação se regulará a compreensão de toda ordem entitativa, polarizada entre *ens creator* e o *ens creatum*, interligados por um nexos de analogia. Teríamos, na verdade um só domínio ontológico, limite e parâmetro da investigação especulativa do ser, compartilhado pela Teologia e pela Ontologia, no qual vai espriar-se a Filosofia moderna. Porém a outra consequência, que permanece à margem das disciplinas, parte que é da inquietude intelectual, e mais do que intelectual, existencial, é a mútua excludência, como se entre duas noções incomensuráveis, do Deus vivo, sujeito da experiência religiosa, adorado, cultuado, ritualizado, também alvo do empenho místico de contemplação e de união pessoal, pela impessoal ideia de Deus, como causa e *substância prima*, pináculo da racionalidade teórica em seu afã de conhecimento. A passagem de um a outro não é isenta de conflito¹⁸.

Nesse momento é necessário que se pergunte qual a finalidade do ateísmo metodológico presente em diversas formas do existencialismo.

¹⁷ NUNES, B. **Crivo de papel**. São Paulo: Ática, 1998, p. 9.

¹⁸ NUNES, B. **Crivo de papel**, p. 17.

A opção do existencialismo, especialmente em seu formato heideggeriano, pela não utilização da ideia de Deus de maneira positiva em seu sistema, corresponde à troca do preceder pelo prescindir, isto é, aquilo que em outros momentos seria considerado como ponto de partida para a discussão passa a ser posto de lado, sendo que a discussão começa e se volta sempre para o fenômeno da existência.

No presente caso, porém, o prescindir da existência de Deus significa apartá-la da cadeia do discurso filosófico, e, apartando-a, neutralizá-la, isto é, torná-la inefetiva para a investigação do ser humano enquanto *Dasein* – que já é, a essa altura, uma investigação da questão do sentido do ser em geral –, desautorizando, nessa esfera, a ingerência da religiosidade¹⁹.

O ateísmo teórico adotado conscientemente pelo fenomenólogo da existência não corresponde a uma forma construída de antiteísmo, nem mesmo à prática formal da eliminação da ideia de Deus nos desdobramentos do sistema filosófico. Benedito Nunes problematiza cautelosamente tal questão, e mostra que a questão do sagrado não é solúvel pela suspensão do uso de determinadas peças, mas sim que o jogo da ontologia em geral necessariamente tange tal temática em alguns de seus movimentos.

A vedação de Deus corresponde a pô-lo num parêntese fenomenológico. Mas essa suspensão parentética problematiza o ‘pressentimento’ respectivo. Leal, o ateísmo heideggeriano é problemático – a *époque* dentro do qual se colocou o *noema* dessa *noesis* pode durar indefinidamente. [...] Problematizando a fé, o ateísmo de Heidegger libera no pensamento a ousadia filosófica para identificar a penetração radicular da ideia do Deus hebraico-cristão na concepção do homem, até onde o discurso religioso a transportou, e a coragem moral para erradicar essa derivação antropológica do princípio teológico não aclarado²⁰.

Chega a ser irônico notar que é o próprio questionamento levantado pelo ateísmo heideggeriano que gera a curiosidade pela presença fatídica da ideia de Deus na construção do ser humano. Note-se que a partir do

¹⁹ NUNES, B. **Crivo de papel**, p. 24.

²⁰ NUNES, B. **Crivo de papel**, p. 25.

momento que se entende a presença da ideia de Deus como parte constituinte do ser humano a mesma deixa de ser clara e distinta como foi no sistema cartesiano e passa a ser objeto partícipe do *Dasein*, isto é, participa efetivamente do fenômeno existencial.

Essa aproximação é o contraste de fundo, o *repoussoir* do ateísmo leal e problemático de Heidegger. Por certo que na fé aparece ou se manifesta, no sentido fenomenológico da palavra, o *adhaerere Deo* que a constitui. Mas essa relação com Deus, intencionalmente confirmada, atesta, do ponto de vista da Ontologia fundamental, que desce ao estado pré-cristão, fáctico, da compreensão da fé que se abriu ao *positum* da teologia, a transcendência do *Dasein* como ser-no-mundo, e não a existência de um ente infinito que a transcende. Em cada um dos pontos extremos da mesma transcendência – morte, consciência moral e tempo – manifesta-se a finitude do ser humano, que adere a si mesmo e ao mundo, sem passagem para o infinito”²¹.

Após essa citação voltamos praticamente para o começo do texto, quando tratamos a respeito do pensamento de Paul Tillich. A questão não é a fé que o filósofo – e o ser humano em geral – existencialista pode ter, mas sim qual a função do sagrado em tal sistema e como se estabelecem as ligações primitivas entre o ser e o sagrado. O que Benedito Nunes acaba de nos dizer com alto grau de erudição é que da mesma forma que há uma necessidade formal de afastar a ideia individual de Deus para que o julgamento do filósofo não seja comprometido nas arbitrariedades da experiência religiosa, há também a necessidade teórica de se aceitar que as questões fundamentais de toda ontologia se dão nos meandros da temática do sagrado. Seja em Xenófanés de Cólofon, em Nietzsche ou em Heidegger, a filosofia que se atenta ao primado da existência não pode se esquivar da responsabilidade de questionar ontologicamente a estrutura da vida, a morte e o tempo, apontando assim para um – mesmo que inexistente – infinito que facilmente responde às questões da finitude humana em categorias da vida fática.

Para concluir a presente discussão deve-se recorrer a uma última citação de Benedito Nunes, que aponta com simplicidade a relação entre existencialismo, hermenêutica e religião pela via teológica.

²¹ NUNES, B. *Crivo de papel*, p. 29-30.

Conforme vimos, a filosofia atém-se à camada ontológica da fé, e assim aos elementos estruturais da conduta do *Dasein* que a possibilitam. Do que resulta que a hermenêutica fenomenológica vai ao fundo da teologia²².

A hermenêutica que se faz sobre o *Dasein* heideggeriano é necessariamente uma hermenêutica da religião, e por mais que seja necessário o afastamento de determinadas ideias de Deus, outras tantas podem emergir através de tal processo, ou ainda, mesmo sem a aceitação final de uma ideia de Deus, o *locus* do sagrado na existência pode ser respondido pela compreensão fenomênica do ser humano em sua existência.

Referências Bibliográficas

- CALVANI, Carlos E. “Aspectos biográficos, referenciais teóricos e desafios teológicos”. In: **Estudos de Religião**. Ano X, nº. 10, julho de 1995, p. 11-35.
- CAPUTO, J. **Radical Hermeneutics**. Indiana: Indiana University Press, 1987.
- HEIDEGGER, M. **A caminho da linguagem**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- HIGUET, E.; MARASCHIN, J. (org.). **A forma da religião: leituras de Paul Tillich no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.
- HIGUET, Etienne Alfred. “O método da *Teologia Sistemática* de Paul Tillich – A relação da Razão e da Revelação”. In: **Estudos de Religião**. Ano X, nº. 10, julho de 1995, p. 37-54.
- NUNES, B. **Crivo de papel**. São Paulo: Ática, 1998.
- SARTRE, J. P. **Existencialism is a Humanism**. Yale: Yale University Press, 2007.
- SOKOLOWSKI, R. **Introduction to Phenomenology**. Cambridge: Cambridge Press, 2000.
- TILLICH, Paul. **A coragem de ser**: baseado nas conferências Terry pronunciadas na Yale University. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

²² NUNES, B. **Crivo de papel**, p. 29.

TILLICH, Paul, **Biblical religion and the search for ultimate reality.**

Chicago: The University of Chicago Press, Illinois, 1955.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé.** São Leopoldo: Sinodal, 1974.

TILLICH, Paul. **História do Pensamento cristão.** São Paulo: ASTE, 1988.

TILLICH, Paul. In: **Journal of the History of Ideas**, vol. 5, nº. 1 (Janeiro, 1944), p. 44-70. The Johns Hopkins University Press.

TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática.** São Leopoldo: Sinodal, 2005.